Contingentia
Revista do Setor de Alemão da UFGRS
UFRGS
PAEP

Camões, por Wilhelm von Chézy

Vinícius Casanova Ritter[1]

Wilhelm Theodor von Chézy (1806 – 1865) foi um escritor, tradutor e jornalista franco-alemão conhecido pela sua coleção de memórias *Erinnerungen aus meinem Leben* (1863-1864) [Memórias da minha vida] e, principalmente, por novelas de cavalaria como *Der nubische Reiter* (1840) [O cavaleiro da Núbia], *Der letzte Kavalier* (1847) [O último cavaleiro] e o romance *Das Ritterthum in Bild und Wort. Zur Belehrung und Unterhaltung für die Jugend beiderlei Geschlechts* (1848) [Imagens e vocábulos de cavalaria: para a instrução e divertimento de jovens de ambos os sexos]. Nenhuma obra de Wilhelm von Chézy jamais foi traduzida para o português, o que torna a peça *Camoens* [Camões[2]], foco desta resenha, pioneira nesse sentido. Antes de adentrarmos no enredo e nos aspectos formais da peça, dedicaremos um pouco mais de atenção à vida e aos tempos do autor.

Ambos pais de Chézy contavam com muito prestígio. O pai era Antoine-Léonard de Chézy, orientalista francês conhecido, bibliotecário e professor de sânscrito na Universidade de Paris. Entre seus alunos estiveram Wilhelm von Humboldt e Friedrich Schlegel. A mãe, Helmina von Chézy, foi uma jornalista, tradutora e poeta de grande influência, lançando uma sombra sob a qual o filho vive até hoje. Quando se fala e se pesquisa sobre o nome "Chézy" no âmbito literário, na maioria esmagadora das vezes o tema é Helmina. Entre as colaborações mais consagradas da poeta está a composição *Rosamunda* de Franz Schubert para a peça homônima de Helmina *Rosamunde, Fürstin von Cypern* (1823) [Rosamunda, princesa do Chipre].

Os acontecimentos na vida da autora moldaram o destino dos filhos: após cinco anos de casamento, Helmina separou-se do marido e começou uma vida errante com os dois meninos, fazendo com que não recebessem uma educação formal e organizada, apenas raras aulas particulares. Entre as paradas residenciais da família estiveram Heidelberg, Aschaffenburg, Darmstadt, Amorbach, Berlim e Dresden, além de estadias

---

[1] Mestrando em Teoria Literária, Crítica e Comparatismo pela UFRGS. Pesquisa tradução de drama. Tradutor literário do inglês e do alemão. viniciuscasanovaritter@hotmail.com

[2] A tradução, feita por mim, Vinícius Casanova Ritter, e por Gerson Roberto Neumann, está em vias de publicação. As citações diretas à tradução podem não corresponder de forma exata ao texto que estará disponível mediante publicação.

longas, porém não residenciais, em Frankfurt am Main, Colônia, Aachen e na Holanda. Apesar da educação inconstante, Wilhelm von Chézy aprendeu a ler aos oito anos de idade e logo já se afeiçoou aos românticos alemães, Shakespeare e ao Novo Testamento. Logo após, já em Berlim e Dresden, onde seguiu estudando grego e latim, o autor acompanhava a mãe em círculos literários com escritores, artistas e políticos, nos quais conheceu Heinrich Heine, E. T. A. Hoffmann, Elise von Hohenhausen, entre outros. O nome de sua mãe abriria portas para ele até posteriormente, na vida adulta. De 1829 a 1831, Wilhelm estudou Direito na Universidade de Munique. Conheceu Moritz Gottlieb Saphir (1795-1858), jornalista e crítico literário, além dos editores Johann Friedrich Cotta e Gottlob Franckh e iniciou a sua carreira literária com poemas e contos publicados em jornais literários. Seguiu trabalhando como jornalista e editor em diversas cidades até 1850, quando sobreviveu à morte por cólera e se estabeleceu em Viena até sua morte por ataque cardíaco em março de 1865.

Prosseguindo, então, para a peça *Camões*, devemos começar pela forma — trata-se de uma tragédia em cinco atos majoritariamente metrificada no alemão em pentâmeros iâmbicos, seguindo o estilo das peças sobre o poeta português por outros autores, como Friedrich Halm, Uffo Horn e Hermann Theodor von Schmid, apesar de que nessas peças o herói segue um caminho diferente. Para exemplificar esse tipo de verso, temos o final da maior fala da personagem Elvira, no original com a tradução em rodapé:

> *"(...)Den Sänger ſchlachtet, ſeine Lieder tönen,*
> *Verlöſcht die Gluth, ein Funken ewig glimmt;*
> *Die Rachegötter möcht ihr nie verſöhnen,*
> *Die eures Falles Stunde vorbeſtimmt,*
> *O wandelt fort auf eurem rauhen Pfade,*
> *Euch ſtürzt des Sängers Blut und die Luſiade".*
> (CHÉZY, 1832, p. 119)[3]

Na nossa tradução, a peça foi passada para a prosa. Vale observar que as personagens diferem entre si na questão do discurso. Camões, por exemplo, tende a mudar o rumo da história através de seus monólogos, no original musicados, uma vez que ele é considerado o bardo da Pátria (Portugal).

[3] Trucida o trovador, e as canções entoam, extingue as chamas, uma centelha cintila para sempre; tu nunca farás as pazes com os deuses da vingança que predestinam o momento de tua queda, ó, siga em frente por tuas trilhas tortas, sobre ti decai o sangue do trovador e os Lusíadas. [minha tradução].

Quanto à narrativa, a peça de Chézy, de forma similar à de Schmid, é bastante abrangente, mostrando o autor em situações de fuga pela sobrevivência, de guerra, negociações e, como esperado, de romance. Com um discurso bastante épico e romântico, similar aos daqueles autores que ele tinha o costume de ler na infância, Chézy conta a história da uma revolução portuguesa encabeçada por D. Sebastião contra a invasão espanhola. Os desenrolares da narrativa até o momento da batalha são de muito movimento. De início já temos os componentes da família Silva (Vasco, Miguel e Inês) debatendo a questão espanhola em Portugal, ou como eles colocam, "na Pátria". Adentrando a cena, é-nos oferecida a primeira aparição de Camões: ele chega naquela cena popular e épica do naufrágio e vem, ao nadar, dando braçadas com uma mão e segurando *Os Lusíadas* com o outra, já fazendo alusões ao mito do Sebastianismo. Na primeira fala Camões já traz os temas que serão tratados ao decorrer da obra, como o amor pela Pátria, a fidelidade para com ela e os portugueses, o catolicismo, o ato do sacrifício e a vingança.

A trama segue para um jogo de mímica; Diego passa a assumir, literalmente, o papel de D. Sebastião, uma vez que há muito ninguém o via para reconhecê-lo pela aparência. Afinal, melhor um Sebastião farsante como líder do que um espanhol, pensava Vasco. O Vice-Rei espanhol, regente em Portugal, consegue capturar Camões em um tumulto, mas diz que não o prenderá se escrever um livro desmascarando Diego, para assim evitar uma possível revolução do povo. Mais à frente, longe do Vice-Rei, o verdadeiro D. Sebastião aparece em completa virtude e heroísmo. Há uma confusão, e Sebastião acredita que Camões escreveu um livro contra ele, não contra o impostor Miguel, mas logo o problema é resolvido. Essa parte da trama com a confusão em cima do mito de Sebastião segue causando conflitos através da peça. Sebastião convence Vasco com um discurso épico e ele eventualmente se rende ao verdadeiro Rei português. Então, iniciam-se as preparações para a batalha, onde acontecerá o desenlace da obra.

Camões, por sua vez, no meio de todo o tumulto acaba ficando em segundo plano com certa frequência, tomando o papel central poucas vezes, com exceção do início e do fim da peça. Do início, já foi comentado. No fim, Camões está para ser executado, e há uma cena romântica repleta de declarações entre ele e Elvira, filha do Vice-Rei. Até neste momento, porém, Camões é ofuscado pela fada da amada em sua

defesa, que poderia muito bem ser considerada a fala mais bem-feita e impactante da peça:

> **Elvira:** Para quem não compreende o alto esplendor do cantor, a criação não passa de um dever morto. Nós não compreendemos a dor do rouxinol, o murmurar dos pagãos e o cochichar das ondas, ele não dá sentido à própria canção. Ele apenas cede à ternura as asas, com as quais ela se liberta da Terra. E quem mais planta no peito da juventude a sede por grandes atos, pela fama elevada, quem ensina o belo fervor pela pátria, além do bardo que, com as mãos firmes, tange as cordas e canta os tons audazes dos tempos passados aos filhos porvindouros? A multidão guerreira de homens escuta, eles ouvem a glória dos louros da pátria, – Forte torna-se o fraco quando, inebriado pela canção, brande em mãos o ferro afiado. E se vestisse um povo as amarras de um tirano, tu estarias violando o templo de sua liberdade. Uma canção ressoa para banir teu poder, apesar das novas vergonhas comuns à velha glória. Trucida o trovador, e as canções entoam, extingue as chamas, uma centelha cintila para sempre; tu nunca farás as pazes com os deuses da vingança que predestinam o momento de tua queda, ó, siga em frente por tuas trilhas tortas, sobre ti decai o sangue do trovador e os Lusíadas. (CHÉZY, 1832, p. 118-119)[4]

A cena romântica entre as duas personagens se relaciona com maior afinidade à peça de Uffo Horn, *Camoens im Exil* (1839) [Camões no exílio], em que o foco não está no heroísmo ou na morte do poeta, mas na sua suscetibilidade ao amor. A trama mais complexa de Chézy tem a desvantagem de que a trajetória do bardo é empurrada para segundo plano e, ocasionalmente, fica perdida nos estrondos da batalha e na confusão das intrigas. Percebe-se também que o poeta precisa enfrentar diversas acusações durante o drama, mas é inocente em última instância. Isto não resulta em um desenlace dramático em sentido estrito, mas sim em uma dramatização de origem retórica em que a potência se dá pela força das falas.

---

[4] Wer nicht begreift des Sängers hohe Weihe, / Dem iſt die Schöpfung eine todte Laſt. / Wir faſſen nicht das Weh, der Nachtigall, / Der Haide Säuſeln und der Wellen Rauſchen, / Gibt er die Deutung nicht in ſeinem Lied. / Nur er verleiht der Liebe jene Schwingen, / Mit denen ſie der Erde ſich entwindet. / Und wer pflanzt in die jugendliche Bruſt / Den Drang nach großen Thaten, hohem Ruhm, / Wer lehrt die ſchöne Gluth fürs Vaterland, / Iſts nicht der Barde, der mit ſich'rer Hand / Die Saiten ſchlägt und zu den kühnen Tönen / Vergangne Zeiten ſingt der Nachwelt Söhnen? / Die kriegeriſche Schar der Männer lauſcht, / Hört ſie den Ruhm des Vaterlandes preiſen, / Stark wird der Schwache, wenn vom Lied berauſcht / In ſeiner Hand er ſchwingt das ſcharfe Eiſen. / Und trägt ein Volk die Feſſeln des Tyrannen, / Entweiht ihr ſeiner Freiheit Heiligthum, / Es ſchallt ein Lied, um eure Macht zu bannen, / Trotz neuer Schande lebt der alte Ruhm. / Den Sänger ſchlachtet, ſeine Lieder tönen, / Verlöſcht die Gluth, ein Funken ewig glimmt; / Die Rachegötter möcht ihr nie verſöhnen, / Die eures Falles Stunde vorbeſtimmt, / O wandelt fort auf eurem rauhen Pfade, / Euch ſtürzt des Sängers Blut und die Luſiade. [minha tradução]

Referências

CHÉZY, Wilhelm von. ***Camoens***. Bayreuth: Die Grausche Buchhandlung, 1832. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=D246AAAAcAAJ&hl=pt&pg=GBS.PP5 Último acesso em: 15 Set. 2019.

UWE, Japp. ***Das deutsche Künstlerdrama: von der Aufklärung bis zur Gegenwart***. Berlin/Nova Iorque: Walter de Gruyter Verlag, 2004.

WURZBACH, Constantin von. *Wilhelm Theodor von Chézy*. In: ***Biographisches Lexikon des Kaiserthums Oesterreich. 2. Theil***. Viena: Verlag der typografisch-literarisch-artistischen Anstalt, 1857, pp. 338–340

WURZBACH, Constantin von. *Wilhelm Theodor von Chézy*. In: ***Biographisches Lexikon des Kaiserthums Oesterreich. 14. Theil***. Viena: Kaiserlich-königliche Hof- und Staatsdruckerei, 1865, pp. 414–416.